

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA
Quinta feira 2 de abril de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

A fortificação improvisada em face dos fogos de guerra: Instrukção da campanha, por Miguel Garcia.— Concurso de tiro internacional: Lisboa, 1891 — Associação dos Atiradores Civis «Estrellas». — As codornizes: Editorial.— Carreira de tiro. — Club dos Caçadores do Porto. — Batida ás rapozas. — Tiro escolar.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

EM

FACE DOS FOGOS DE GUERRA

Instrukção da campanha

*O exercito e as instituições militares de um paiz são e serão ainda por largos annos uma necessidade, a que nem as objecções da philosophia, nem os impulsos d'uma crescente civilização, nos poderão ainda levar a desconhecer e preterir.

Latino Coelho.

O exercito, como todas as instituições sociaes, tem successivamente augmentado de importancia e as funcções que lhe são commettidas, são hoje de molde a tornar as instituições militares como as primeiras em cada nação.

Além da preparação para a guerra pela pratica incessante de uma boa instrução profissional, o exercito deve ser uma escola de ordem e morigeração de costumes pelo mais escrupuloso rigorismo no cumprimento dos mais insignificantes deveres e pelo habito do trabalho; deve mais ser um grande factor do desenvolvimento phisico e intellectual das nações pela pratica dos exercicios de desenvolvimento e pela frequencia das escolas regimentaes.

Só pelo estudo, pelo trabalho e pela disciplina, os exercitos poderão receber o respeito e a admiração do publico, conseguindo adquirir sem favor o logar que lhe compete como uma das primeiras, senão a principal das instituições sociaes e escola normal da educação popular.

E' ali que se unem os laços da amizade fraternal, pelo espirito da camaradagem; é ali finalmente que se aprende o respeito e a subordinação que se deve á sociedade e á familia.

E' pois n'aquella fileira que todos os cidadãos deverão passar, porque servir a patria é um dever que torna a carreira militar a mais honrosa entre os homens e que só por si define todo o sentimento de abnegação e gloria de um povo livre

Que o digam aquellos que, á chegada dos heroes das ultimas campanhas de Africa, se sentiram orgulhosos de taes irmãos e invejosos de taes aclamações!... E' pensamento nosso de ha muito, que, a regeneração completa do paiz, depende em larga escala da instruc-

ção, disciplina e moralisação d'esse grande factor social que se chama exercito, salvaguarda dos progressos materiaes feitos durante a paz.

Foram os inesperados e extraordinarios successos promovidos pelo *ultimatum* inglez que fizeram que o governo obedecendo ao impulso geral d'indignação, determinasse pelo decreto de 28 de maio de 1890 a applicação das carreiras militares de tiro á classe civil. O entusiasmo porém esfriou e o paiz caiu na sua habitual e perigosa apathia, tornando-se em breve abandonadas as poucas carreiras apesar dos esforços e instancias dos seus directores.

Só a de Lisboa continuou sendo frequentada e hoje já reúne uma assidua e numerosa roda de atiradores da classe civil e até de alguns estrangeiros; pena é porém que a classe verdadeiramente popular ali não possa concorrer pelo dispêndio das munições, vendo-se assim a carreira convertida em um exercicio de *sport* aonde apenas concorrem os ricos e os remediados.

E, infelizmente muito ha ainda a fazer, como preparar e auxiliar a organização de sociedades de tiro nas cidades mais importantes do paiz, que melhor e mais amplamente poderão satisfazer a todas as necessidades da instrução á classe civil, ensinando-lhe não só as regras e praticas do tiro individual e especial, mas tambem o manejo das armas, a escola de pelotão e o tiro de combate.

Estas sociedades, quando dirigidas por officiaes competentes concorrerão efficazmente para diminuir as necessidades da instrução propriamente militar, que assim poderá ser ministrada em menos tempo permitindo a passagem pelas fileiras de um maior numero de individuos, propagandando a boa vontade pelo serviço militar.

E já que fallamos da *Carreira de tiro* de Lisboa é occasião de registrar os louvores que tão justamente cabem ao distinctissimo capitão Vergueiro, seu director não só pela competencia com que dirige todos os trabalhos, mas ainda pela disciplina e sollicitude que mantem entre o pessoal ás suas ordens. Para isto bastante contribuem os competentissimos tenentes Nunes Pinto e Raul Chagas.

A elle se deve sem duvida uma parte activa nas obras de modificação e aperfeiçoamento da carreira e n'elle se lê o propugnador da realisação do grande pensamento *A nacionalisação da arte de tiro em Portugal*, realisação que, diga-se a verdade tem tudo a esperar da fecunda iniciativa e boa vontade do actual ministro da guerra a quem já muito deve a instrução do tiro entre nós.

O titulo que encima o nosso modesto artigo, primeiro de outros que se seguirão, tem por fim chamar a attenção para

o seguinte principio — *será impossivel ao assaltante marchar em terreno descoberto contra um defensor não completamente abalado.*

Os importantes e numerosos aperfeiçoamentos que as armas de fogo tem recebido n'estes ultimos dez annos, no que respeita a precisão e alcance, á maior penetração dos projecteis e rapidez do fogo, tem dado a este uma decisiva preponderancia nos combates, e a experiencia das ultimas guerras, mostra, de um modo que não admite duvidas, que o ardor e a coragem, ainda os mais distinctos, se ofuscam e cedem á firmeza de uma tropa que saiba empregar convenientemente seus esforços e que comprehenda a grande vantagem que lhe offerece a arma de que dispõe para esperar sem cuidado o mais impetuoso esforço do seu adversario.

E' por isso que hoje, ainda mais do que nos tempos antigos, na idade media e sobretudo nos ultimos annos, as formas e os accidentes do terreno em que tem de se combater, adquirem cada vez maior importancia, de sorte que os exercitos procuram tanto quanto possivel aproveitar as posições mais vantajosas, utilizando as mais insignificantes ondulações ou prégas do solo, convencidos de que n'ellas encontrarão a cada passo para as suas unidades e fracções, abrigos que lhes darão mais firmeza pelos resultados moraes e mais segurança no tiro.

E quando os abrigos naturaes não existam, as tropas, depois de occuparem convenientemente as posições mais proveitosas, se cobrirão acceleradamente por meio de trabalhos defensivos executados em poucos minutos, preparando-se d'esta fórma contra as reacções offensivas.

Estes trabalhos só a infantaria, pela sua condição especial nos campos de batalha, os pode executar, devendo para isso estar provida do numero d'utensilios portateis com os quaes se exercitou durante a paz por uma prudente e adequada instrução.

D'aqui se conclue, que o estudo da fortificação dos campos de batalha deve ser aturado, e rigorosa deve ser a sua parte profissional, afim de que os soldados, pequenos graduados e os mesmos officiaes aprendam a apreciar o valor de um entrincheiramento, por mais simples que seja, e saibam o partido que podem tirar d'um muro, d'um vallado, d'um bosque, d'uma sebe, d'um fosso e até mesmo d'uma arvore.

Dizia Frederico II: — «O official tem necessidade de diversos conhecimentos, mas um dos principaes é o da fortificação.»

Pelo estudo da fortificação as tropas se familiarisarão com os varios accidentes do terreno, chegando por fim a avaliar com criterio o seu valor real nas di-

versas fases do combate; ellas se devem compenetrar de que em todas as situações da guerra, a fortificação é um alliado intimo da tactica e das tropas, e de que a sua applicação sobre o campo de batalha não depende senão d'um pouco de habilidade e de experiencia, ou util aproveitamento do terreno.

Diz o general Trochu: «Quando o progresso das armas de fogo tiver attingido o seu cumulo, as tropas deverão como antigamente, recorrer ás armas defensivas. Só a terra constituirá a arma defensiva por excellencia nas guerras do futuro.

«As armas deverão procurar a sua protecção no uso habitual dos obrigos naturais e na sua falta na criação de simples parapetos de terra.

«Effectivamente, as luctas portentosas entre russos e turcos, nos desfiladeiros dos Balkans, sobre o Jantra e em redor do campo entrincheirado de Plewna, são o exemplo mais frisante de que a infantaria tem de se cobrir com a terra onde se estabelece e por onde tem de passar, tendo em vista a boa escolha das posições onde deverá levantar as obras de defesa, utilizando quer os obstaculos naturais, quer os artificiaes, e empregando todos os meios de resistir ao impulso do inimigo com vantagens encontradas no proprio lugar.

(Continúa.)

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

CONCURSO DE TIRO INTERNACIONAL

LISBOA — 1897

PELA Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes foi enviado a Comissão executiva do 4.º centenario do descobrimento da India o seguinte officio:

Ill.º e Ex.º Sr.

Encarrega-me a Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes de dirigir-me a v. ex.ª para lembrar a conveniencia de se realisar, por occasião das festas commemorativas do 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a India, um grande concurso internacional de tiro.

Não precisa esta Direcção encarecer a v. ex.ª as vantagens d'este certamen, que poderá attrahir a Lisboa numerosos atiradores estrangeiros, nem tão pouco mostrar as vantagens de chamar a attenção de todos para o desenvolvimento da patriótica e util idea de generalisar o tiro nacional, pois v. ex.ª sabe e reconhece bem quão proveitosa pôde ser para o nosso paiz esta instrucção especial, que é uma força enorme e um auxilio efficaz, quando seja necessario aproveitá-la para secundar a força armada na defeza das fronteiras, ou manter intactos esses dominios, que custaram tantos esforços, e foram campo de tantos heroismos.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes ao dirigir-se a v. ex.ª tem por fim unico propôr um alvitre, que já foi por ella apresentado, e pedir que as associações de tiro civil já existentes tenham conhecimento pela Secretaria da Comissão central executiva, a que v. ex.ª tão digna e superiormente preside, se esse alvitre é acceto, afim de que possam desde já começar os trabalhos preparatorios que terão de ser submettidos á apreciação de v. ex.ª.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, em 21 de março de 1896.

Ill.º e Ex.º Sr. Presidente da Comissão central executiva do 4.º centenario da partida de Vasco da Gama para a India.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

José Francisco Palermo da Fonseca Faria.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS ESTRELLA

No domingo 29, realisou-se o primeiro passeio official d'esta patriótica e florescente associação. A convite da Direcção tomámos logar n'um carro, que esta amavelmente poz á disposição dos seus convidados, partindo do largo da Estrella ás 9 1/2 da manhã, seguindo por Algés á Cruz Quebrada, Linda a Pastora, Senhora da Rocha, Carnaxide, parando em frente do Caruncho junto a Vallejas; quem conhece estes logares, avalia desde já, a belleza dos panoramas que se desenrollavam á vista dos excursionistas, isto por uma bella manhã cheia de sol e só incommoda pela ventania furiosa que reinou em todo o dia.

No carro, além de muitas senhoras e socios da associação, iam o sr. Moreira d'Almeida, representando os nossos collegas *Diario Popular e Tarde*; o sr. Joaquim Antonio Alves, representando a Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, e nós que representavamos *O Tiro Civil*.

A chegada do carro foi annunciada no acampamento, lançando-se ao ar muitos foguetes; eram 11 horas, em seguida fez-se um cordão de cavalheiros para que as senhoras podessem descer a escarpa sem correrem risco de se magoarem.

O local occupado era magnifico; ao fundo da encosta, que é alta e cortada quasi a prumo, corre a ribeira do *Jamôr* orlada de grandes *chóps*; aqui e além, pequenas fazendas, com pomares, cheios de fructo, o que é d'uma belleza inexcédível, outras arvores, umas verdes outras em flôr, formam um conjuncto delicioso, em que admiravelmente se combina a agrura de uns pontos com a belleza da vegetação da primavera de outros.

Além dos numerosos grupos dos excursionistas, faziam realçar este quadro, grupos de raparigas do sitio com os seus trajos domingueiros, bandos de creanças e grupos de camponezas.

Logo em seguida á chegada dos visitantes que iam de Lisboa, tratou-se do almoço; bello espectáculo, era o vêr a alegria que animava em todos os grupos, escolhendo local abrigado do vento; em pouco tempo o espectáculo mudou de feição, comia-se com um appetite de fazer inveja a um lisboeta dorminhoco, em seguida faziam-se brindes, soavam vivas, *hurrahs*, emfim, uma verdadeira alegria. Numa barraca de campanha, com a bandeira da associação arvorada em cima, estavam uma grande parte das senhoras, sentadas no chão, toalhas estendidas e fartas iguarias, que já pela variedade já pela qualidade eram dignas de ver-se e... comer-se. Aqui o dr. Cunha Belem, o digno presidente da associação, fazia as honras da casa; o sr. Eduardo de Noronha, digno presidente da Direcção e mais membros da associação foram de inexcédível amabilidade para com os seus convidados. Nós que já tínhamos almoçado em Lisboa. . . almoçamos outra vêz, e parece que com mais appetite que da primeira. . .

Começaram os brindes, repetidos com grande enthusiasmo, ás associações de tiro, *Estrella, Portuguezes, Portuense*, grupos, *Patria, Suisso, Lisbonense*, ao dr. Cunha Belem, Eduardo de Noronha, guia e contra-guia, João Diniz e Gil Dias, professor de gymnastica, Pedro José Fer-

reira, mestre d'armas, Cruz Teixeira, á imprensa, a Mousinho d'Albuquerque, ao coronel Galhardo, Vergueiro, officiaes da *Carreira de tiro*, visconde da Idanha, Gandara, Thomaz Coelho, Miranda Vianna, etc. Neste ponto cabe-nos o gratissimo dever de agradecer as calorosas aclamações feitas ao *Tiro Civil* e á nossa humilde pessoa, mais filhas da amizade e boa camaradagem do que por serviços prestados, pois só nos sobeja a boa vontade de bem servir tão santa causa.

O acampamento tinha sido visitado pelo sr. visconde da Idanha, digno presidente da Camara Municipal de Cintra, a que pertencia o local em que nos achavamos.

No campo estavam tambem os srs. major Pereira, Arthur Bandeira, do *Real Club Velocipedico*, muitos socios do *Walking Race Club*, entre elles o seu digno presidente o sr. Mello, o sr. Salles, photographo amator, que tirou alguns *clichés*.

**

O programma foi cumprido; ás 4 horas e 3 quartos da manhã, depois dos excursionistas em numero de 40, aclamarem victoriosamente os seus guia e contra-guia, os srs. João Diniz e Gil Dias, foi dado o primeiro signal; 10 minutos depois o segundo e ás 5 horas precisas, partiam da associação n'uma marcha regularissima. Ao chegarem á Tapada da Ajuda, foram alcançados pelo sr. dr. Cunha Belem que a cavallo acompanhou sempre a excursão.

Chegaram a Martha ás 7 horas e meia e ahi tiveram a primeira alta de 3 quartos de hora, aproveitada no exercicio de flecha, no qual se distinguio o socio Luiz Ferreira. A's 7 horas e 1 quarto pozeram-se a caminho em direcção a Queluz, onde chegaram ás 8 horas e meia. Depois da travessia da ribeira junto ao palacio, sobre um cedro ha tempos derrubado, este difficiloso exercicio foi executado pelos alumnos da aula de gymnastica, com uma pericia e coragem extraordinaria.

Em Queluz houve segunda alta de 3 quartos de hora, que foi aproveitada para descanso.

A's 9 horas 1 quarto começou-se a marcha para a Ribeira do Caruncho. Em certo ponto da estrada dividiu-se o grupo, os alumnos da aula de gymnastica tomaram por um caminho á direita afim de chegar á Ribeira por uma margem opposta, chegando os dois grupos ao seu destino ás 10 horas precisas da manhã. Da margem direita foi lançada a corda e depois d'esta horizontalmente estendida á largura da ribeira (25 metros) começou a passagem com o auxilio das extremidades oppostas. Foi esplendido de correção este exercicio em que só desistiu um alumno, que pela sua pouca pratica não se animou a vencer o obstaculo.

Eram 11 horas, acabavam de chegar os convidados de Lisboa, tratou-se do almoço, que já descrevemos.

Deu-se em seguida começo ao concurso de tiro no qual tomaram parte 15 atiradores, não se fazendo, para poupar tempo, a classificação.

Realisaram se depois os assaltos de esgrima de florete, sabre e pau, primorosamente executados pelos srs. Domingos Gomes, Sobral Fernandes, Baptista Ribeiro, Thomaz Coelho e Candido da Silva.

A's 3 horas, era levantado o bivaque tomando os excursionistas em direcção

a Linda-a-Velha; antes de ali chegarem, foi feita ainda a escallada a um muro arruinado, executada corajosamente, e com bastante arte.

Acompanhámos a pé os excursionistas gosando com aquella franca alegria, propria de rapazes; ás 5 horas chegavamos a Algés; ahí os socios da associação *Estrella*, bem como nós, fomos convidados pelos socios do *Walking Race Club*, para visitarmos a séde do club na *Villa Mathias*; accetámos tão delicado convite, e ahí se repetiram entusiasticos brindes em que um redactor d'este periodico teve tambem um quinhão que muito nos honra, e muito agradecemos.

Seguidamente todos os excursionistas debandaram, terminando assim tão bella festa, que muito applaudimos.

**

No concurso de tiro, empataram os srs. Nascimento e E. Rodrigues, fazendo cada um 100 pontos. O desempate verifica-se no domingo 5 na séde da associação assim como a distribuição de premios, a todos os classificados, nos outros numeros do programma.

AS CODORNIZES

Edital

Conde do Restello, do conselho de sua magestade, por do reino e presidente da camara municipal de Lisboa.

Faço saber que pela camara foi resolvido em sessão de 23 de janeiro ultimo e por despacho ministerial de 5 do corrente mez foi approvado, que do artigo 134.º § 1.º do codigo de posturas seja eliminada a palavra *codornizes*.

E para produzir os devidos effectos, se mandou publicar o presente edital no *Diario do Governo* e affixar nos logares publicos do estylo.

Paços do concelho, em 20 de março de 1896.

Conde de Restello.

Este edital foi para a alfandega acompanhado d'um officio em que se pedia para o mandar affixar nos postos aduaneiros, affim de que fosse de todos conhecido.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 29 de março ultimo, dispararam-se 540 tiros com arma de guerra. Pouca concorrência; da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* estiveram 16 atiradores, que fizeram 380 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 200m,	50 disparados	29 acertados
» » 300m,	200	149
» » 400m,	130	89
Total...	380	267

Distinguiram-se os srs. João de Moraes Carvella, a 200m, 8 em 10; a 300m, 10 em 10; a 400m, 7 em 10.

Fraga Pery, a 300m, 14 em 20; a 400m, 9 em 10.

Ivens Ferraz, a 300m, 8 em 10, fogo de joelhos. Lucas da Silva, a 300m, 9 em 10, fogo de pé. Agostinho Manuel de Sousa, a 300m, 9 em 10, fogo de pé.

Manuel José Magalhães, a 300m, 9 em 10, fogo de pé.

Antonio Correia Pinheiro, a 300m, 17 em 30, a 400m, 6 em 10, fogo de pé.

Gil Portocarrero, a 300m, 18 em 20, a 400m, 29 em 40, o fogo a 300m, foi de pé.

Antonio Joaquim Rodrigues, a 400m, 6 em 10, fogo de pé.

Arthur Ferreira Lima, a 300m, 8 em 10; a 400m, 6 em 10, fogo de pé.

Roberto Rogenmozer, a 300m, 8 em 10, a 400m, 7 em 10.

Emilio Kesselring, a 300m, 17 em 20, a 400m, 8 em 10, fogo de joelhos.

Manuel Antunes Ribeiro, a 200m, 8 em 10, a 300m, 6 em 10, a 400m, 7 em 10; parte d'este fogo foi feito de pé.

Victor Carvalho da Silva, a 300m, 9 em 10, fogo de pé.

O alvo a 200m, é a *figura de joelhos*.

**

O sr. Emilio Kesselring, digno membro do grupo *Suisso* e distincto atirador que no ultimo concurso de tiro, em Winterthur, foi premiado, sendo um dos premios uma taça de prata, entrou para a *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, na qualidade de socio extraordinario.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

PUBLICAMOS hoje uma outra parte do relatório do *Club dos Caçadores do Porto*, que é decerto uma das mais honrosas para aquella corporação, pois representa dedicação decidida por uma instituição que é incontestavelmente muitissimo util e que tem já prestado excellentes serviços. E só á dedicação dos associados se deve o desenvolvimento d'esta Sociedade sendo o serviço prestado com a installação d'uma *Carreira de tiro* d'aquelles que applaudimos com enthusiasmo, embora seja especialmente destinada aos caçadores.

Parece-nos que se alli se installasse um tiro com a arma de guerra, a 120 metros, pois não permite mais a *Carreira*, seria um bom complemento e permitiria, pelo menos, ir ensinando os filhos dos socios a fazer uso da espingarda, e habilitar-se a ser mais tarde excellentes atiradores. O tiro nacional ha de fatalmente desenvolver-se em Portugal; é apenas uma questão de tempo e de propaganda insistente e tenaz. Com esse intento fundámos *O Tiro Civil*, que nos custa sacrificios e trabalho, que consideraremos como bem empregados se finalmente conseguirmos convencer todos que a autonomia da Patria, a segurança das possessões ultramarinas, depende de nos habilitarmos a defendel-as, quando fôr a todos reclamado o auxilio do nosso braço e sobretudo das nossas aptidões.

Que os atiradores civis imitem o exemplo que lhes dão os caçadores do Porto, que se unam todos com as mesmas intenções e a mesma dedicação e em breve o tiro nacional terá atingindo consideravel desenvolvimento.

Publicando a parte do relatório do *Club dos Caçadores do Porto*, que vae lêr-se, prestamos aos generosos subscritores a mais sincera homenagem:

Obras

Desde muito tempo que os nossos dignos consocios reclamavam, e com justiça, que se melhorassem as condições materiaes da *Carreira de tiro*—facto aliás reconhecido pelas administrações passadas; nenhuma, porém, tinha tomado a iniciativa dos melhoramentos em projecto, crêmos que por absoluta falta de recursos para elles.

Abalançou-se a isso a actual direcção: inspirando-se no interesse e conveniencia dos dignos associados, entendeu que não correspondia á confiança que n'ella depositaram, se não realisasse, em Salgueiros, essas obras tantas vezes indicadas e reclamadas para a *Carreira de tiro*.

Para a consecução d'este fim, auctorisou a assembléa geral de 19 de junho de 1894, o levantamento d'um emprestimo de 500.000 réis por meio d'obrigações amortisaveis, do typo de 10.000 réis. Não chegamos, porém, a utilisar-nos d'esta auctorisação, embora no principio da gerencia nos parecesse que er' este o unico recurso viavel e de resultados seguros.

O generoso offerecimento d'um emprestimo de 200.000 réis, sem juros, pelo nosso collega João Andresen, desviou-nos da primeira orientação, indicando-nos outro caminho a seguir. Appellámos, portanto, para a generosidade dos nossos dignos consocios, a quem endereçámos a seguinte circular:

«A direcção do *Club dos Caçadores*, carecendo de melhorar e completar a installação da *Carreira de tiro*, em Salgueiros, projectou e realisou alli uma série de importantes melhoramentos, taes como:

«Construcção d'uma casa para habitação permanente d'um guarda;

«Construcção d'um pavilhão destinado ao jury que superintende nos torneios;

«Construcção d'um *chalet* destinado a armazenar todos os aprestos do tiro e a servir de secretaria do Club;

«Construcção d'uma *Carreira de tiro* á bala, reduzida a 120m.

«Todos estes importantes melhoramentos, aliás uteis e indispensaveis ao complemento da *Carreira de tiro*, esgotaram todos os recursos do cofre do Club; e se lhe não acudir a nunca desmentida generosidade dos nossos consocios, vêr-se-ha a direcção na dura contingencia de os não poder concluir—o que seria para ella, e decerto para todos os seus consocios, motivo de fundo pesar.

«Expondo a v. ex.^a a nossa situação, nas mais singelas palavras, confia a direcção que v. ex.^a nos auxiliará e obsequiará, subscrevendo com qualquer quantia para ajuda das obras referidas.

«Agradecendo desde já a v. ex.^a a sua annuencia ao nosso pedido, seja-nos permitido subscrever-nos

(a) *A Direcção.*»

A resposta a este pedido da vossa direcção foi, Senhores Associados, superior á nossa expectativa, e prova sufficientemente a justeza da nossa previsão, ao tomarmos este expediente, de quanta generosidade se alberga no peito dos nossos dignos consocios.

Subscrição para as obras da carreira do tiro

Ex.^{mas} Srs.:

Albino Guimarães.....	200000
Alfredo da Silva Vianna.....	200000
Antonio Francisco Nogueira..	200000
Antonio de Padua Ferreira Muáze.....	200000
Julio Ferreira dos Santos Silva	200000
Antonio de Bessa Leite.....	100000
Arthur Meirelles.....	100000
Alvaro Meirelles.....	100000
Felisberto de Moura Monteiro..	50000
Manoel Arnaldo de Castilho..	50000
Manoel Ferreira dos Santos Pinto.....	50000
Manoel d'Azevedo Palmeira..	30000
Abilio Couto.....	20500
Alberto da Costa Rodrigues..	20500
Alexandre Lopes Martins.....	20500
Antonio Manoel Corrêa.....	20500

Antonio Pereira de Sousa Junior	27500
Antonio Santos	27500
Arthur d'Azevedo Pereira	27500
Antonio Joaquim da Silva Moreira	27500
Carlos Rothez	27500
C. W. E. Ehleres	27500
Eduardo Pinho	27500
Ernesto Francisco Velho	27500
Edmundo Maia	27500
Christovão d'Almeida	27500
Francisco d'Almeida Ribeiro e Lemos	27500
Guilherme Puls	27500
Heitor Antunes	27500
Joaquim Ferreira dos Santos	27500
Joaquim da Silva Ferreira	27500
João Ferro	27500
Justino Soeiro	27500
Manoel Ferreira dos Santos Maya	27500
Pedro Duarte Lobo	27500
Antonio Augusto Ferreira de Oliveira	17500
Arthur Ferreira d'Oliveira	17500
Eduardo Alves Guimarães	17500
Henrique Pereira d'Oliveira	17500
Joaquim José Deveza	17500
Joaquim de Souza Braga	17500
Albino Valente	17000
Alberto Pile	17000
Antonio Amorim de Carvalho	17000
Antonio José da Cunha Peixoto	17000
Carlos da Silva Ferreira Bahia	17000
Gaspar José Gonçalves	17000
Joaquim Mario da Silva Moreira	17000
José da Silva Teixeira	17000
A Direcção	507000
Reís	2727500

A' vossa resolução, Senhores Associados, deixamos a iniciativa do agradecimento devido a tão benemeritos consócios.

* *

Fizemos, pois, as obras que mais instantaneamente eram reclamadas:

A casa para habitação permanente d'um guarda; e o pavilhão destinado ao jury.

A *Carreira de tiro* á bala fica quasi concluida, faltando-lhe apenas o espaldão de resguardo e uma parede de vedação — cuja construcção já ordenámos — afim de poder funcionar na proxima epocha de tiro.

Não se concluiu o *chalet* com receio de falta de recursos para elle; mas como tal receio sahiu, felizmente, infundado, já encarregamos os nossos collegas Baptista de Sá, Jacintho de Mattos e Simeão Cardoso, de ordenarem a sua conclusão immediata, de modo a poder-se alli installar, antes da proxima abertura da *Carreira de tiro*, a secretaria do Club, bem como para que possa servir aos fins a que é destinado.

* *

O custo d'estas installações foi de réis 68975, como podereis vêr da «Conta de receita e despeza» do Club, adiante publicada; e o seu pagamento fez-se pelas forças seguintes:

Emprestimo do nosso collega João Andresen	2007000
Subscipção dos srs. Associados	2727500
Supprimento do cofre do Club	2177475
Reís	68975

BATIDA ÀS RAPOSAS

O Grupo de Caçadores de Bemfica e localidades proximas é incansavel nas suas batidas ás rapozas, animal tão prejudicial á outra caça, sobretudo n'este tempo do *defeso*.

No dia 25 do mez passado realisaram uma batida, entre o Sabugo e Mercês; os caçadores eram de Bemfica e Sabugo.

A's 10 horas partiram as espingardas a tomar posições, dirigidas pelo habil caçador o sr. Manuel do Casal da Pedra; meia hora depois, sahiam os batedores, dirigidos pelo não menos habil caçador o sr. Bernardo Gonçalves, de Bemfica.

Organisado o cerco, começaram batendo o mato, saltando em seguida a primeira raposa (era um macho), que foi morto a tiro pelo sr. Manuel do Casal da Pedra, junto ao forno, que fica perto do *Suino*. Logo em seguida outra (fêmea); perseguida de perto, foi morta a tiro por um caçador, conhecido pelo *Sapateiro do Sabugo*, de quem não sabemos o nome, foi morrer junto aos *Penedos do Algarve*.

Eram 2 horas da tarde quando terminou a caçada, que tão bom exito teve. Ficou logo combinado que brevemente se faria nova caçada.

Bom era que os caçadores aproveitassem o tempo do *defeso* em limparem os campos dos animais damninhos para a caça, taes como raposas, texugos, mi-lhafres, etc.

TIRO ESCOLAR

M. Lucien Larcher, vice-presidente da sociedade de tiro de Nancy e vice-presidente director da Sociedade mixta de tiro do 41.º territorial em Pont-St.-Vincent, publica no *Tir National*, de 21 de março proximo passado, o artigo que abaixo publicamos, em que se trata do tiro escolar que desejaríamos vêr estabelecido entre nós.

Infelizmente estamos longe de vêr realisado este desideratum e nem sequer se pensa em restabelecer nas escolas a instrucção militar, que consideramos como a base d'uma boa organização e o ponto de partida para o desenvolvimento entre a classe civil do gosto pelo mister das armas.

No artigo de M. Lucien Larcher vê-se bem a importancia que se dá em França á instrucção do tiro; oxalá não esteja longe entre nós o momento em que os poderes publicos se convençam da necessidade d'uma remodelação completa do ensino, attendendo ao aproveitamento das forças physicas que são indispensaveis para solido e proveitoso trabalho intellectual.

O artigo do *Tir National* é o seguinte:

«Tive occasião, em 1885, de fallar aqui da circular ministerial de M. Poincaré, datada de 16 de agosto de 1895, prescrevendo o tiro da carabina *Flobert* nas escolas primarias publicas.

«São passados seis mezes desde a promulgação d'esta circular, que todos os patriotas applaudiram; e no entanto é forçoso reconhecer que ficou absolutamente letra morta. A circular foi cuidadosamente dirigida aos professores; foi publicada no *Relatorio do ensino pri-*

mario, seguida da minuciosa instrucção que a acompanhou. Posso qualificar esta instrucção de minuciosa, porque visa ao fim e á importancia do tiro, instrucção, etc., etc. Contem até um apenso com a descripção, nomenclatura e maneira de desarmar a carabina da União nacional das Sociedades de tiro de França.

«Desgraçadamente, todas estas indicações não bastam, e os mestres tiveram que ficar pensativos depois da leitura do capitulo II.

«Logo que os recursos necessarios sejam creados, o professor procederá á installação da carreira e acquisição das munições e d'uma carabina com os seus accessorios.

«A difficuldade consiste simplesmente no facto de *crear os recursos necessarios*; mas é tal que a circular de 16 de agosto ficou em estado de projecto, projecto seductor na verdade para as creanças das escolas, muito menos para o professor, depois direi porque. O ministerio da instrucção publica não enviou ainda a cada uma das escolas a carabina da União. Até que esta remessa chegue ao seu destino, o professor ficará em doce quietação; e admitindo mesmo que um cidadão generoso dote a escola da sua communa com carabina tão desejada... pelos discipulos, o professor hesitará em executar a ordem ministerial, para não empenhar a sua responsabilidade.

«Póde acontecer, effectivamente, que, apesar das precauções tomada pelo professor, um dos alumnos que lhe foi confiado seja victima d'um accidente. Os paes da creança ferida intentam acção de perdas e damnos, e não é raro ver um tribunal decidir que o professor tem toda a responsabilidade dos accidentes que podem acontecer ás creanças que lhe são confiadas.

«Sei muito bem que o tribunal de appellação tem decidido diferentes casos e principalmente por uma decisão de 13 de janeiro de 1890 que um professor deve ser exonerado de toda a responsabilidade, quando se haja verificado que tinha tomado todas as precauções que lhe era humana e rasoavelmente possivel tomar para impedir o accidente. Mas basta que alguns tenham sido condemnados para que os outros receiem crear uma nova origem de inquietações.

«E eis porque uma circular ministerial que teria certamente dado os melhores resultados, se tivesse sido applicada o não está ainda e não o será em breve segundo todas as probabilidades.

«Pertence, pois, ao ministro de instrucção publica examinar a situação creada aos professores pela circular do seu predecessor M. Poincaré e assegurar a applicação. Para chegar a este resultado, o ministerio poderia assegurar uma subvenção áquellas escolas em que os professores tenham reunido uma parte da quantia necessaria para a compra da carabina e dos cartuchos. Mas seria preciso ao mesmo tempo que o Estado tomasse a seu cargo as indemnisações a pagar ás victimas, felizmente muito raras pelos accidentes que podessem dar-se durante o tiro nas escolas.

«Libertos d'esta espada de Damocles suspensa por cima das suas cabeças, os professores poderão fazer esforços para organizar nas suas escolas cursos de tiro. Se não o tem feito é porque, no actual estado de cousas, não podem.»